



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VENTURIN, Vanessa Leandra; VOLPI, José Henrique. Dependência nas relações afetivas entre casais heterossexuais: uma visão reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXI, 2016. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

DEPENDÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE CASAIS HETEROSSEXUAIS: UMA VISÃO REICHIANA

Vanessa Leandra Venturin
José Henrique Volpi

RESUMO

Todo ser humano nasce propenso a ter este sentimento inato chamado amor, mas o que ocorre com nosso corpo e nossa psique quando esse amor passa a causar, dor, tristeza, angústia e até mesmo doenças físicas? Neste estudo o objetivo é entender melhor como tudo isso ocorre a luz da psicologia corporal. Entender, ler, diagnosticar e trabalhar com esse paciente auxiliando na sua reestruturação psicológica trazendo assim mais saúde para as relações afetivas.

Palavras-chave: Amor. Dependência Afetiva. Masoquismo. Oralidade.

Ahhh o amor... Pode ser platônico, pode ser a primeira vista, pode ser fraternal, pode ser real, esse sentimento tão falado por todos esconde muitas vezes uma grande doença. Muito embora, o início dos relacionamentos afetivos sejam permeados por sedução, planos e desejos em comum, com o passar do tempo a relação pode sofrer alguns desgastes.

E quando esse amor, passa a deixar de ser prazeroso e começa a causar muita dor para qualquer uma das partes, é preciso repensar e olhar com mais cuidado, talvez essa relação possa estar doente. É comum ouvirmos falar de pessoas dependentes de álcool, drogas, comida, jogos, mas talvez a dependência afetiva, não seja um assunto tão comum, contudo é mais comum do que se pensa.

Mas antes de aprofundarmos sobre a dependência afetiva, é preciso entender um pouco sobre o amor obsessivo, e neste caso não me refiro a definição psicológica de caráter obsessivo, mas sim uma maneira específica de se relacionar amorosamente.

De acordo com Buck e Forward (1993), o amor obsessivo pode atingir homens e mulheres. E ambos podem ser objetos de obsessão. Os obsessivos costumam ter comportamentos que vão desde o alcoolismo, jogos de azar, até os menos populares como o vício de trabalho e perfeccionismo, de forma que se compararmos, qualquer paixão parece trivial, perto do amor obsessivo.

O amor obsessivo parece ser a paixão suprema, mas tal enfoque romantizado obscurece o lado sombrio da obsessão. Na vida real, os amantes obsessivos estão na crista das esperanças estimulantes e da crescente sensualidade, mas



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VENTURIN, Vanessa Leandra; VOLPI, José Henrique. Dependência nas relações afetivas entre casais heterossexuais: uma visão reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXI, 2016. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

inevitavelmente pagam por suas expectativas irreais com desapontamento, vazio e desespero. (BUCK E FORWARD, 1993, p. 16).

Trago o tema obsessão por que ele tem uma relação muito próxima com a dependência, de modo que para algumas pessoas pensar na possibilidade de depender de alguém é algo aterrorizante, em contrapartida existem outras pessoas que se arrepiam somente em pensar na possibilidade de dependerem de si mesmas. Essas pessoas confundem a individualidade com a solidão, abandono com rejeição. Em ambos os casos, o medo encontra-se na individualidade. Os primeiros tem medo de perde-la, o segundo caso tem medo de ganhá-la. De qualquer forma a sensação que se tem é de que em ambos os casos é que a autonomia está fora de si.

A dependência afetiva é um estado de imaturidade que faz parte do processo natural de desenvolvimento humano, ou seja, nascemos totalmente dependentes, tanto fisicamente como afetivamente. Com nossas vivências e experiências vamos evoluindo, de forma gradativa buscando nossa independência emocional... Uma pessoa é dependente afetivamente quando sua autonomia está prejudicada, ela precisa de algo ou alguém para sentir-se segura e tranquila, nas mais diferentes decisões em sua vida... (BITTÚ, 2017).

A dependência afetiva psicológica ocorre de maneira geral inconscientemente, e esconde gratificações secundárias, pois ela tem a falsa impressão de que o relacionamento está seguro. É como se o outro fosse responsável até mesmo pela manutenção da sua vida, do ar que respira, e é exatamente por isso, que o dependente ainda que preso em uma relação totalmente destrutiva, não consegue se libertar.

Essa dependência segundo Bem Estar (2017), ocorre quando um dos dois ou ambos, já tiveram experiências de abandono e rejeição, o que os leva ao medo de passar novamente por isso, a dependência acaba por se tornar uma forma desesperada e até mesmo fantasiosa, de impedir que essa experiência se repita, como consequência, os dependentes acabam se deixando desvalorizar, começando pelos seus sentimentos. Acabam perdendo o valor por permitir que o outro não lhe de o devido valor, deixa que o outro o critique demasiadamente, fazendo-o acreditar que é incapaz ou insuficiente bom para a pessoa amada.

Em texto de Ally (2017) vemos que a dependência vem de famílias disfuncionais, que mostram grande fragilidade emocional entre seus membros, em linhas gerais o dependente teve afeto, amparo, aceitação, confiança insuficientes, além de rigidez, crítica excessiva, além de abuso psicológico e até mesmo físico, diante disso, a dependência está diretamente relacionada ao histórico infantil desta pessoa.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VENTURIN, Vanessa Leandra; VOLPI, José Henrique. Dependência nas relações afetivas entre casais heterossexuais: uma visão reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXI, 2016. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Tendo isto, é possível entender que na relação a dois, quando acontece, a dependência pode se tornar altamente destrutiva, doentia e até mesmo simbiótica. Com isso, a pessoa dependente, torna-se triste, depressiva, até chegar ao ponto de não suportar mais e explodir, ou implodir, e nesta segunda opção ocorre a somatização e conseqüentemente as doenças no corpo físico.

Como falado anteriormente, toda base da dependência está calçada na carência afetiva e falta de autonomia, tendo isso a Psicologia Corporal, vem iluminar esse tema trazendo a sua teoria de acordo com os escritos de Wilhelm Reich e seus sucessores.

Para psicologia corporal, todo nosso processo desde a fecundação até os primeiros meses de vida, tem interferência direta na formação de nossa personalidade e caráter que nada mais é do que a maneira de o indivíduo agir e reagir aos fatos e pessoas do seu dia a dia, para Navarro 2000, esse caráter tem a função de defesa, ou auto proteção, que acaba por ser um resposta inadequada da sociedade as necessidades mais primarias do ser humano.

Na psicologia corporal temos por definição 5 tipos de caráter que são: 1. Núcleo Psicótico, 2. Borderline ou Oral, 3. Psiconeurótico que pode ser subdividido em (Masoquista, Obsessivo Compulsivo, Passivo Feminino), 4. Neurótico que pode ser subdividido em (Fálico Narcisista e Histérico) e por último o 5. Caráter Genital. Neste artigo vamos explorar de maneira mais detalhada os traços 2. Borderline e 3. Masoquista, que estão diretamente ligados a dependência afetiva que estamos trabalhando.

Vamos iniciar falando do caráter Oral, ou Borderline, que está diretamente ligado ao período de amamentação que vai desde o nascimento até o nono mês de vida. O bebê deve ou ao menos deveria ter acesso ao peito de sua mãe para nutrição, não apenas física, como forma de sobrevivência, mas também afetiva através do contato de pele, olhar, calor, etc.

Por isso de acordo com Navarro (2000), o processo de aleitamento e desmame, é considerado muito delicado e precisa de total atenção, pois coloca o bebê recém-nascido na condição simbiótica com a mãe, e essa separação deveria ocorrer gradualmente e somente após os 9 meses de vida de bebê, sendo que os traços carateriais dessa fase oral estão diretamente ligados a dificuldade de contato, que pode ser do tipo passivo (dependência) ou do tipo ativo (agressividade).

Vale lembrar que o desmame tardio, pode causar os mesmo efeitos do desmame precoce.

O modo de reagir do oral – com depressão ou com raiva – leva-nos a distinguir dois aspectos carateriais orais: o oral insatisfeito e o oral reprimido. O oral



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VENTURIN, Vanessa Leandra; VOLPI, José Henrique. Dependência nas relações afetivas entre casais heterossexuais: uma visão reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXI, 2016. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

insatisfeito é a pessoa que no fundo sempre esconde a situação depressiva, mas como é plenamente consciente dela, procura compensá-la com alimento, álcool, fumo ou qualquer substituto que possa dar-lhe pelo menos um mínimo de satisfação no nível oral. Nos casos mais graves, o oral insatisfeito, para não cair em depressão, pode escorregar “energeticamente” para o alto em situações psicóticas. (NAVARRO, 2000, p. 63).

Outra característica associada ao caráter oral é o ciúme, ou até mesmo a possessividade, que advém da ansiedade causada pela fantasia em demasiado a respeito do parceiro (a), criando situações imaginárias que lhe causam ciúmes e cada vez mais insegurança, retroalimentando a sua oralidade.

Como isso, a dúvida que surge é, como evitar que a pessoa tenha qualquer tipo de entrave nesse nível caracterial, e cada vez mais, vemos o quanto é difícil de ocorrer este processo de maneira saudável e natural, por isso Navarro (2000) diz que estatisticamente, 45% dos indivíduos acabam por apresentar estas características relacionadas a oralidade.

A amamentação por quatro-cinco meses, no mínimo, permite que o recém-nascido chegue a sua própria produção de anticorpos, anteriormente recebidos com o leite materno. Nesses casos, se a amamentação foi bem-feita, não haverá distúrbios de acomodação-convergência, mas forma-se no indivíduo um núcleo depressivo de tipo “insatisfeito”, que conduz a uma depressividade que aparece na vida em toda ocasião de “perda”. Esboça-se assim uma base de personalidade “oral insatisfeita”, que tenderá a compensar-se mediante consumo de álcool (alcoolismo), dependência de drogas. (NAVARRO, 2000, p. 45).

Essa dependência afetiva está intrincada na pessoa que não se desenvolveu de maneira saudável nessa fase, trazendo assim apenas como uma de suas mazelas a dificuldade nas relações interpessoais.

Terapeuticamente falando, indivíduos com bloqueio no segundo nível, ou seja oral, precisam em um primeiro momento ter uma identificação com o terapeuta e dele receber uma forma de “maternagem”, pois isso dará um suporte inicial para que o terapeuta possa iniciar os trabalhos indicados a esse tipo de caráter.

O paciente precisa não de uma “mãe” que aceite e dê tudo que lhe é solicitado, mas uma “mãe” suficientemente amorosa, que possa lhe oferecer carinho o suporte para fortalecer a confiança e segurança dessa criança interior.

Outro traço de caráter que está diretamente relacionado a dependência afetiva é o Caráter Masoquista, que como o próprio nome diz é a atitude de auto punição emocional, sensação de menos valia, desvalorização pessoal e social.

Segundo Reich:



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VENTURIN, Vanessa Leandra; VOLPI, José Henrique. Dependência nas relações afetivas entre casais heterossexuais: uma visão reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXI, 2016. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

O masoquista gosta particularmente de provocar os objetos através dos quais sofreu desapontamento, De início, esses objetos eram muito amados; então, ou houve de fato um desapontamento ou o amor exigido pela criança não foi suficientemente satisfeito. (REICH, 2001, p. 231).

O masoquista utiliza-se de meios ardilosos para poder obter aquilo de que tanto precisa, o amor e a atenção, ele está sempre tentado se libertar da angustia de não se sentir amado. Conforme diz Reich (2001), o masoquista tenta conter a tensão e angustia interna de maneira inadequada, em outras palavras, ele tenta atrair amor e atenção com provocações e desafios, pois essa é a sua maneira de demonstrar a necessidade de amor, e isso tudo está baseado no medo de ser abandonado, causando assim a dependência emocional, afetiva.

Outra característica importante deste traço de caráter, é que o masoquista possui uma auto depreciação e auto humilhação significativas, para essa pessoa é muito difícil receber um elogio, ou até mesmo assumir uma postura de liderança, pois ele será se colocará na postura de menos valia.

Diante dessas análises é possível esperar de um dependente afetivo, atitudes como: cuidado excessivo com o outro, repressão das emoções, controle compulsivo, ciúme doentio, negação, comunicação disfuncional, dificuldades sexuais, envolvimento com pessoas complicadas, entre outros.

Em outras palavras:

Estabelecemos que o caráter masoquista gera uma quantidade excessiva de desprazeres, e que isso proporciona uma base real para seu sentimento de sofrimento. Observamos que o aparelho psíquico está sempre tentando dominar essa tensão e predisposição para a angustia de maneira inadequada. Na tentativa de conter a angustia, o caráter masoquista mergulha cada vez mais na tensão e no desprazer, fortalecendo assim a predisposição para a angustia. Aprendemos, ademais, que exatamente essa incapacidade para conter a angustia de maneira adequada constitui o que é específico do caráter masoquista. Além disso, descobrimos que a punição que o caráter masoquista acha que recebe é apenas um substituto para aquela que ele realmente teme. (REICH, 2001, p. 241).

A importância do bom desenvolvimento de caráter na idade mais tenra, fica muito clara no decorrer das leituras para construção deste artigo. Pois se tivermos um desenvolvimento adequado de nossa autoestima, auto confiança e afetividade, com o passar do tempo e crescimento da criança, essa dependência vai se diluindo, sendo possível estabelecer relações mais saudáveis, e respeito a individualidade.

Concluindo essa idéia, vale ressaltar que, nascemos totalmente dependentes e abertos ao aprendizado, é todo esse contexto que vai desde a formação individual, física, passando



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VENTURIN, Vanessa Leandra; VOLPI, José Henrique. Dependência nas relações afetivas entre casais heterossexuais: uma visão reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXI, 2016. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

pelo contexto familiar até chegar as relações sociais, constroem o nosso eu, nosso caráter e são responsáveis por quem nos tornamos, no entanto é sim uma escolha individual aquilo que decidimos fazer a respeito de tudo que vivemos e experimentamos, e nesse ponto a responsabilidade é inteiramente individual.

Para essa situação e tantas outras que enfrentamos em nosso dia-a-dia, é preciso coragem e determinação, parecem coisas muito simples, mas dependendo de como o indivíduo se encontra pode ser algo quase impossível, o auxílio profissional e terapias alternativas, que trabalhem nossa formação de caráter, nossa energia, nossa criança e nosso eu interior, são mais do que bem vindas.

REFERÊNCIAS

BITTÚ, S. **Você é um Dependente Afetivo?** 2017, Disponível na internet via <http://somostodosum.ig.com.br/artigos/psicologia/voce-e-um-dependente-afetivo-2143.html>

FORWAR, S e BUCK, C. **AMORES OBSESSIVOS: Quando a paixão o faz prisioneiro**. Rocco, 1993.

MAIS EQUILIBRIO, **A Dependência Que Faz Tanto Mal**, 2017, Disponível na internet via <http://www.maisequilibrio.com.br/bem-estar/a-dependencia-que-faz-tanto-mal-7-1-6-501.html>

NAVARRO, F. **SOMATOPSIKOPATOLOGIA**, Centro Rechiado, 2000.

NAVARRO, F. **CARACTERIOLOGIA PÓS REICHIANA**, Centro Reichiano, 2013.

REICH, W. **Análise do Caráter**, Martins Fontes, 2001

VOLPI, J. H, VOLPI, S. M, **REICH: Da Vegetoterapia a Descoberta da Energia Orgone**, Centro Reichiano, 2003.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VENTURIN, Vanessa Leandra; VOLPI, José Henrique. Dependência nas relações afetivas entre casais heterossexuais: uma visão reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXI, 2016. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

AUTORA e APRESENTADORA

Vanessa Leandra Venturin / Balneário Camboriú / SC / Brasil

Graduada em Psicologia pela UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí).

Pós Graduada em Gestalt-Terapia.

Estudante do curso de Formação em Psicologia Corporal pelo Centro Reichiano.

E-mail: ocorpoquesou@gmail.com

ORIENTADOR

José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicólogo (CRP-08/3685), Analista Reichiano, Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Eriksoniana e Psicodrama. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP), Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br